

O ESCRITOR ANTONIO DE ALCÂNTARA MACHADO

José Lins do Rego

O tal movimento modernista de São Paulo já pode muito bem ser estudado sem paixão, uma vez que o tempo esfriou os entusiasmos e as prevenções. É verdade que com as torrentes que ele desencadeou desceu muita porcaria para as várzeas.

Quebraram as chaves de ouro dos sonetos, mas não foi só uma rebelião exterior, o que os rapazes paulistas tentaram com tanto sucesso. Eles tinham qualquer coisa de íntimo para dizer nos versos e na prosa daquele tempo. E a gente tem que confessar que havia ao par das *blagues* um interesse humano na força de criação deles. Por mais que procurasse a erudição Mário de Andrade era um poeta de alma, com a vibração lírica que o interesse sectário deturpava o seu bocado. O outro Andrade, foi uma espécie de corsário desta guerra, mas um corsário a quem só interessava o cadáver do adversário para tripudiar sobre o pobre. Matou muita gente com ferocidade. Aliás, este gosto pelo assassinio não se amorteceu com a idade. Como os bandidos profissionais, o poeta do *pau brasil* gosta das coleções de orelhas para o deleite de seus bons ócios de letrado. A literatura nas mãos dele é sempre um instrumento de suplício, para os seus inimigos. Mas isto já deve estar cansando ao consagrado escritor de *Estrela de absinto*. Matar em literatura não deixa de ser um ofício cruel. Por isto a sua contribuição na rebelião de S. Paulo quase que não interessa hoje. O poeta brincava demais, debochava de tudo. E poesia é coisa muito séria, vai mais além da *blague* pela *blague*. O que não se pode negar é que ninguém, na hora da luta, foi mais forte do que ele, fazendo o que ninguém podia fazer. Foi assim admirável na derrubada, mas pouco plantou de grande. E no entanto como ele poucos com a capacidade de fazer coisas definitivas.

Agora, com Antonio de Alcântara Machado foi diferente. Mais moço que os dois Andrades, Alcântara foi o mais brasileiro, o mais direto na formação de sua obra. Enquanto Mário estudava *folk-lore*, Alcântara,

olhando para a vida, queria ver, sentir como homem. Por isto os seus contos são mais libertados da vontade de brilhar, do imediato. Com Oswald de Andrade, ele criou o movimento nativista chamado de Antropofagia. Foram por esse tempo terríveis comedores de carne branca. E muito bispo Sardinha foi devorado em moqueca pela fome canibalesca dos dois. O programa da *Revista de Antropofagia* teria muita coisa que os diretores da Aliança Libertadora poderiam utilizar, com inteligência. No fundo era o imperialismo o que Alcântara, Oswald e Bopp visavam combater.

É desse tempo o *Laranja da China* de Alcântara, livro de contos em uma língua deliciosa. A força de vida dos pobres homens que o escritor captou em suas fontes é desta que lateja a vista. Mas o que nos espanta neste livro é o achado de sua linguagem. O escritor passou *Macunaíma* neste ponto. A língua de *Macunaíma* é um fabuloso apanhado de modismos que chega a dar um dicionário. Mas às vezes a erudição embarça o grande escritor. O entusiasmo poético, a espontaneidade se perdem. Mário de Andrade subjugou o poeta que ele é. E a língua se resseca, perde o cheiro e o gosto de terra molhada.

A língua de Alcântara é livre, vem de dentro dos seus personagens, se articula com uma pureza admirável. Dele podia ter saído o grande romancista de São Paulo, porque Antônio de Alcântara Machado dispunha como pouca gente do elemento essencial para o romance, que é a capacidade que tem o escritor de se encontrar em intimidade com a vida e não banalizar a vida.

E é ele justamente que morre com trinta e três anos e com um mundo na frente para criar.

(in *Memória de Antônio de Alcântara Machado*. S. Paulo, Pocaí, 1936)